A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O ESTADO DE SÃO PAULO ATRAVÉS DOS LIVROS DE PASSAPORTES DO GOVERNO CIVIL DO PORTO (1880-1893): PERCURSOS DE UMA DIÁSPORA

Maria José Ferraria
Cepese

Paulo Amorim
Cepese / Universidade Lusíada do Porto

Portugal

Avivo no teu rosto o rosto que me deste,
E torno mais real o rosto que te dou.
...
Teimoso aventureiro da ilusão,
Surdo às razões do tempo e da fortuna,
Achar sem nunca achar o que procuro,
Exilado
Na gávea do futuro,
Mais alta ainda do que no passado.

Miguel Torga
Grande escritor português do século 20,
também ele emigrante no Brasil

O presente estudo constitui o desenvolvimento natural do projecto iniciado há cerca de três anos, quando integrámos a equipa do Cepese que se propôs fazer o levantamento dos registos de passaportes do Governo Civil do Porto, existente no Arquivo Distrital do Porto.

No século 19, o movimento migratório português sofreu um incremento acentuado para o Brasil. Ao contrário do que se poderia imaginar, não é o governo português[1] que fomenta esse movimento mas sim o brasileiro, pelo menos a legislação assim o demonstra. O desenvolvimento das cidades, a crescente necessidade da produção cafeeira cujo mercado continuava a crescer significativamente e a necessidade de substituir a mão-de-obra escrava por mão-de-obra livre e assalariada impelem o governo brasileiro à produção de um conjunto de leis que favorecem a entrada de emigrantes de diferentes partes do Mundo em particular da Europa, e entre os quais se destacam os italianos, os alemães e naturalmente os portugueses. Estes últimos, fugindo às dificuldades económicas, sociais e políticas em que o país mergulhara desde o início do século. Como é do conhecimento geral, na segunda metade do século 19 Portugal sofreu transformações económicas que alteraram significativamente as formas de produção, levando a que o mundo rural fosse afectado negativamente por elas. Este fenómeno, conjugado com o crescimento demográfico vai contribuir para que a emigração sofra um forte recrudescimento e se dirija em grande parte ao Brasil.

Para o período que agora nos interessa analisar, verificamos que entre 1880 e 1893 foi registado no Governo Civil do Porto um número de passaportes individuais superior a 44 mil com destino às mais diversas regiões do Brasil, aos quais teremos de acrescentar cerca de 15.500 acompanhantes. Para um país da dimensão de Portugal estes números revelam-se extremamente elevados.

Neste momento vamos ter em atenção os exemplos de Santos e de São Paulo enquanto receptores de emigração portuguesa. Muitos dos portugueses que chegaram a São Paulo fizeram-no através do porto de Santos. Não temos dados até ao momento que nos permitam afirmar, sem qualquer dúvida, que o número de partida seja igual ao número de emigrantes que concluíram a viagem, uma vez que as condições eram duras e a viagem longa, e é provável que alguns tenham sido vítimas de doenças e do cansaço, nomeadamente as crianças e os mais velhos. Na ausência de dados relativos às entradas no Brasil

1 Nesta altura, Portugal estava mais interessado em afirmar a sua presença no continente africano, na sequência da eminência do crescente interesse e cobiça dos seus parceiros europeus nas nossas possessões ultramarinas.

e particularmente em Santos e São Paulo, vamos tratar apenas deste fenómeno com base nas fontes portuguesas.

A EMIGRAÇÃO DO NORTE DE PORTUGAL PARA O BRASIL ENTRE 1880 E 1893

A abordagem do nosso tema de estudo tem sido feita, até ao momento, tendo como base a análise dos livros de registos de passaportes do Governo Civil do Porto. Esta fonte fornece-nos todo um conjunto de dados considerados credíveis relativamente aos titulares de passaportes. Assim, tem-nos sido possível proceder a um levantamento sistemático da sua identidade (nome, sexo, estado civil, grupo etário, naturalidade – concelho, na maior parte dos casos, e mais raramente freguesia –, profissão e destino).

A análise dos dados recolhidos até este momento permite-nos concluir que no período em estudo foram registados 44.739 passaportes com destino às mais diversas regiões do Brasil. Destes, 37.031 (cerca de 83%) partem sozinhos sem levar consigo qualquer acompanhante. Os restantes 7.708 passaportes (17%) representam os indivíduos que levam consigo um ou mais acompanhantes – de um modo geral, este grupo é representado por mulheres com um ou mais filhos, perfazendo um total de 60.286 emigrantes (ver Tabela 1).

TABELA 1 – Número de titulares de passaportes e acompanhantes (1880-1893).

Titulares e acompanhantes	número	%
Titulares	44.739	74
Acompanhantes	15.547	26
Total de emigrantes:	60.286	100

Como podemos observar na Tabela 2, o destino preferencial dos portugueses era o estado do Rio de Janeiro, que nessa época recebeu cerca de 32 mil emigrantes (72%) do total apurado, seguindo-se o estado do Pará, com 7%. São Paulo surge-nos em terceiro lugar, com apenas 6% do total de emigrantes.

TABELA 2 – Destino (1880-1893).

Destino	Nº de passaportes	%
Bahia	651	2
Manaus	1.051	2
Maranhão	395	1
Pará	3.317	7
Pernambuco	1.395	3
Rio de Janeiro	32.396	72
Rio Grande do Sul	709	2
Santos	1.552	4
São Paulo	2.845	6
Outros	428	1
Total:	44.739	100%

O vasto universo por nós confrontado levou-nos a optar pela realização de uma microanálise que incidisse fundamentalmente no estado de São Paulo, com particular destaque para as cidades de Santos e de São Paulo, de modo a darmos um contributo para a caracterização dos emigrantes no crescimento e formação desse estado, o qual então iniciava a saga do café.

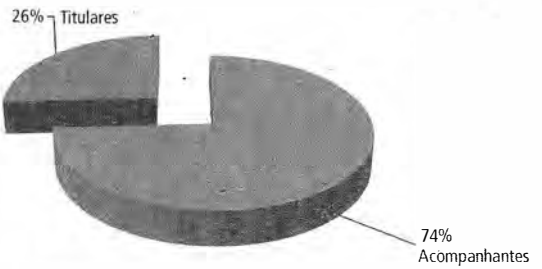
As primeiras impressões que tirámos são que o número de emigrantes que parte para São Paulo nesse período é comparativamente pequeno dentro do total de dados por nós levantados. Concluímos que apenas cerca de 10% partem com destino a Santos e a São Paulo. Os dados observados não nos permitem concluir se todos esses indivíduos se fixaram nessa região ou se se tratava apenas de uma opção de transição para outros destinos.

O tratamento dos dados permite-nos concluir que dos 7.532 emigrantes para Santos e São Paulo, 4.397 são titulares de passaportes e 3.135 são acompanhantes.

TABELA 3 – Emigrantes com destino a Santos e a São Paulo (1880-1893).

Titulares e acompanhantes	número	%
Titulares	4.397	58
Acompanhantes	3.135	42
Total de emigrantes:	7.352	100

GRÁFICO 1 – Emigrantes com destino a Santos e a São Paulo (1880-1893).

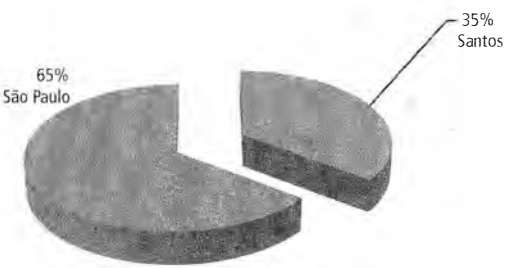


Deparámos agora com um novo dado que nos mostra que neste caso específico a percentagem dos acompanhantes se aproxima significativamente do total de titulares de passaportes, que resulta do facto de, apesar de a maior parte dos emigrantes partirem sozinhos, vários emigrantes terem cinco ou mais acompanhantes (ver Tabela 3).

TABELA 4 – Santos e São Paulo (1880-1893).

Emigrantes	número	%
Santos	1.552	35
São Paulo	2.845	65
Total:	4.397	100

GRÁFICO 2 – Santos e São Paulo.



Em seguida, verificámos que São Paulo nos aparece como o destino privilegiado, escolhido por 65% dos titulares em detrimento de Santos, para on-

de registamos apenas 35% o que evidencia a sua característica de porto de acolhimento.

No entanto, não podemos descurar em momento algum a importância de Santos, onde acabaria por se fixar uma importante colónia de portugueses, nem do seu papel enquanto porto de desembarque e canalizadora da mão-de-obra que entretanto chegava ao estado de São Paulo.[2]

Neste momento nós queremos conhecer o perfil daqueles que optaram por esta região. Quem eram, de onde vinham, o que pretendiam fazer? Ao analisarmos a sua distribuição por sexo, concluímos que a maioria desses emigrantes eram indivíduos do sexo masculino (86%), enquanto apenas 14% eram mulheres (ver Tabela 5).

TABELA 5 – Distribuição por sexo (1880-1893).

Sexo	número	%
Feminino	562	14
Masculino	3.835	86
Total:	4.397	100

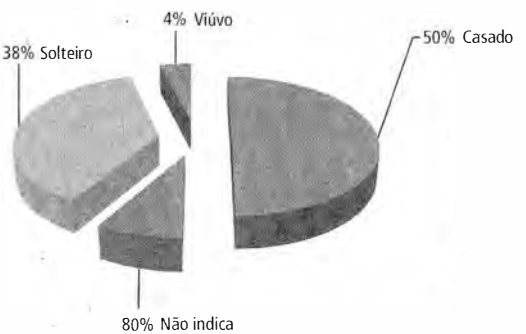
GRÁFICO 3 – Distribuição por sexo (1880-1893).

2 Cf. SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura/Museu da Imigração – *Introdução à história da hospedaria de imigrantes em seus aspectos institucionais e guia do acervo*. São Paulo, 2000.

TABELA 6 – Distribuição por estado civil (1880-1893).

Estado civil	número	%
Casado	2.317	53
Não indica	320	7
Solteiro	1.519	35
Viúvo	241	5
Total:	4.397	100%

GRÁFICO 4 – Distribuição por estado civil (1880-1893).



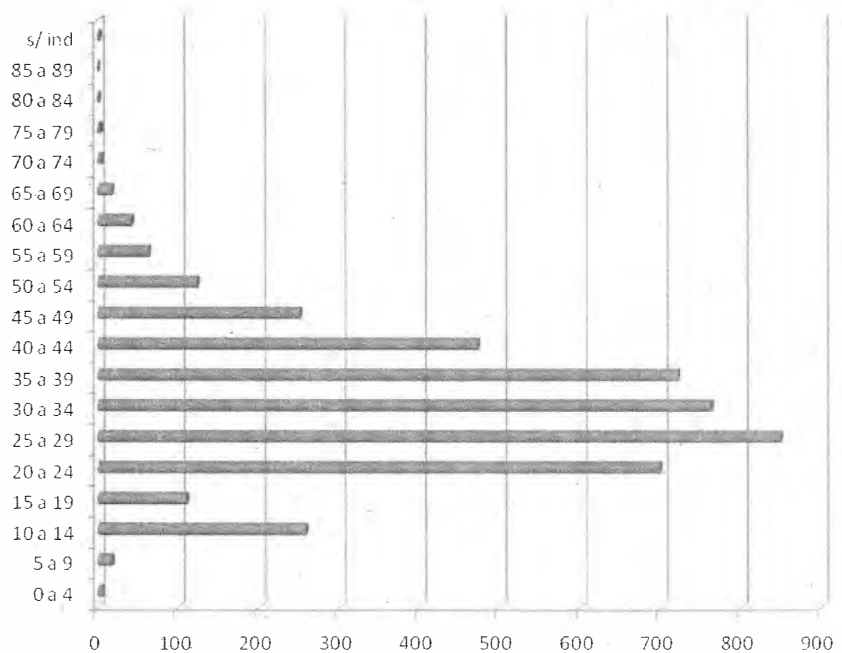
Os registos mostram que a maior parte dos emigrantes estudados é casada, representando 53% do total enquanto cerca de 35% são solteiros. O número de casos em que não aparece a indicação de estado civil refere-se a indivíduos com mais de 30 anos. Pudemos, nos casos em que não há indicação de estado civil, considerar com uma margem de segurança bastante grande como solteiros as crianças e os jovens adolescentes – daí que os tenhamos integrado nessa categoria – uma vez que a análise e a observação crítica da fonte de modo regular e sistemático nos diz, quanto aos jovens, que a quebra da regra é sempre assinalada e não o contrário.

O grupo de viúvos neste micro-universo é diminuto, representando apenas 5% dos emigrantes.

TABELA 7 – Distribuição dos emigrantes por grupos etários (1880-1893).

Grupos etários	número	Grupos etários	número	Grupos etários	número
0 – 4	5	35 – 39	720	70 – 74	5
5 – 9	17	40 – 44	472	75 – 79	3
10 – 14	258	45 – 49	251	80 – 84	1
15 – 19	110	50 – 54	123	85 – 89	0
20 – 24	698	55 – 59	63	Sem indicação	2
25 – 29	848	60 – 64	42		
30 – 34	762	65 – 69	17	Total:	4.397

GRÁFICO 5 – Distribuição dos emigrantes por grupos etários (1880-1893).



Como podemos ver na Tabela 7 e no Gráfico 4, a idade de partida varia entre os muito jovens, até aos nove anos, e os muito idosos, entre os 80 e os 84

anos, sendo que o grupo etário mais representativo se fixa entre os 25 e os 29 anos (19,3%), seguindo-se o grupo dos 35 aos 39 anos (17,3%).

Podemos também concluir que a grande maioria dos emigrantes se enquadra naquele grupo que fornece mão-de-obra activa, isto é, entre os 20 e os 44 anos (79,6%).

Entre o grupo de jovens dos dez aos 19 anos (8,3%), encontrámos alguns caixeiros que, a exemplo do que acontecia noutros estados do Brasil, muito provavelmente partem para trabalhar nos estabelecimentos de familiares ou de amigos da família que já aí se teriam fixado anteriormente.

No entanto quer-nos parecer que a maioria dessa mão-de-obra se destina à lavoura, pois a maioria indica como profissão *trabalhador*, representando cerca de 51% do total (entre os quais incluímos o vasto número de indiferenciados, os trabalhadores rurais e os trabalhadores agrícolas), que pensamos se dirigiam para a região de São Paulo onde aspiravam encontrar trabalho nas diversas fazendas aí localizadas.[3]

No entanto outros grupos buscam a solução para o seu futuro na emigração. Falámos, como é óbvio, dos negociantes/comerciantes (6%), dos fabricantes (1%) e de muitos outros grupos que embora sejam menos representativos nada impede que sublinhemos a sua importância.[4]

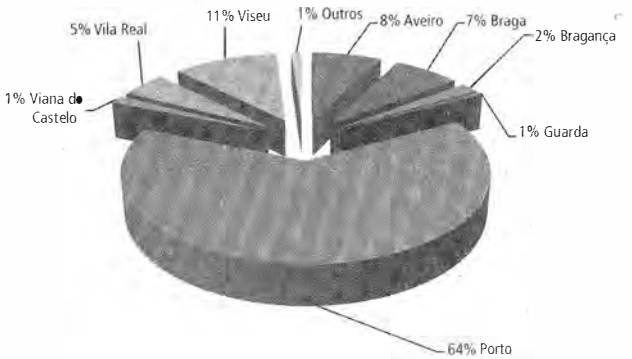
TABELA 8 – Distribuição dos Emigrantes por profissão (1880-1893).

Profissão	emigrantes	%	Profissão	emigrantes	%
Alfaiate	50	1	Proprietário/Capitalista	45	1
Carpinteiro	258	6	Sapateiro	25	1
Fabricante	52	1	Trabalhador	2.242	51
Marítimo	59	1	Outras profissões	255	6
Negociante/Comerciante	274	6	Sem indicação	831	19
Pedreiro	197	4			
Pintor	25	1	Total:	4.397	100

3 Cf. SCANTIMBURGO, João de. *Os paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

4 Cf. SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura/Museu da Imigração – *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo, 2006.

GRÁFICO 6 – Distribuição dos emigrantes por profissão (1880-1893).



O elevado número de indivíduos sem profissão (19%) é representado maioritariamente pelas mulheres e por jovens com menos de 14 anos (cerca de 18,6% do total).

Sendo as profissões registadas tão linearmente distribuídas, resta-nos saber a origem desses emigrantes. É neste capítulo que pela primeira vez introduzimos uma alteração significativa na nossa análise de dados, ao substituirmos o agrupamento por concelhos pelo agrupamento por distritos, de forma a melhor compreendermos a origem dos emigrantes. Este novo ângulo de análise dos dados obriga-nos a olhar para este fenómeno de um modo bastante diferente. Será que esta opção iria mudar muito as conclusões por nós registadas anteriormente? Residiriam todos esses indivíduos no Porto, uma vez que aqui requereram o seu passaporte?

A abordagem ainda que incipiente neste momento dos maços de processos indica-nos que a maioria residiria no Porto ao contrário do que por vezes se pensa, ainda que consideremos que esta é uma das hipóteses que pretendemos confirmar mais tarde, com os progressos do nosso estudo. De qualquer das formas, o maior número de indivíduos (64%) que requereram passaporte para o Brasil nesta altura através do Governo Civil do Porto reside ou é natural do distrito do Porto, seguindo-se os distritos de Viseu e de Aveiro, com 11% e 7% respectivamente.

TABELA 9 – Distribuição dos emigrantes por distrito (1880-1893).

Distrito	Número de emigrantes	%
Aveiro	331	8
Braga	314	7
Bragança	84	2
Guarda	28	1
Porto	2.807	64
Viana do Castelo	67	1
Vila Real	220	5
Viseu	497	11
Outros	49	1
Total:	4.397	100%

GRÁFICO 7 – Distribuição dos emigrantes por distrito (1880-1893).

CONCLUSÃO

Este estudo, que representa apenas uma pequena parte do trabalho final da nossa investigação, que tem por objectivo caracterizar a emigração do Norte de Portugal para o Brasil entre 1880 e 1910, pretende dar um contributo ainda que parcial para um melhor conhecimento do perfil do emigrante

português com destino ao Brasil. Não nos limitámos a um estudo de caso, mas sim àquilo que poderemos entender como uma microanálise da nossa emigração, neste caso para o estado de São Paulo, no difícil período de crise económica e social em que o país mergulhou nas duas décadas que antecederam a implantação da República em Portugal, a 5 de outubro de 1910.

Parece-nos sem dúvida um contributo inovador, em Portugal, uma vez que os estudos que têm vindo a público se centram na análise global da emigração, vista tanto do lado de lá do Atlântico como do lado de Portugal, uma vez que este período especificamente nunca foi objecto da análise que aqui efectuámos.

Não podemos deixar de referir que esses emigrantes partem preferencialmente da barra do Douro e do porto de Leixões, muitos deles casados, e que, neste caso particular de Santos e São Paulo vão maioritariamente acompanhados pelos seus familiares mais directos (mulher e filhos), a maioria entre os 25 e os 45 anos, emigrantes que, em grande parte acabarão os seus dias a trabalhar nas fazendas de café, contribuindo para o desenvolvimento e enriquecimento do estado de São Paulo.

As mulheres, a maior parte sem profissão, segue com os filhos para ir ao encontro do seu marido. Os jovens adolescentes vêem a emigração como a fuga possível ao serviço militar ou à miséria do quotidiano.

Partiam nos vapores que largavam dos portos do Douro e de Leixões, deixando para trás comunidades em que viviam, a família e os amigos.

Questionámo-nos frequentemente sobre o que aconteceu àqueles que partiram e nunca mais voltaram. A esta e a outras questões procuraremos, em breve dar respostas mais consistentes de forma a melhor compreendermos o significado e a importância da diáspora portuguesa pelo Mundo, muito particularmente para o Brasil.